



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

**SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: a  
práxis freiriana vivenciada pelo projeto “Cultura da Palavra e Saúde  
Mental” da Universidade Federal de São Paulo**

SISTEMATIZACIÓN DE EXPERIENCIAS Y EXTENSIÓN UNIVERSITARIA: la  
praxis freiriana vivida por el proyecto “Cultura de la palabra y salud mental” de  
la Universidad Federal de São Paulo

SYSTEMATIZATION OF EXPERIENCES AND UNIVERSITY EXTENSION: the  
freirean praxis experienced by the “Word Culture and Mental Health” project of  
the Federal University of São Paulo

Fabício Gobetti Leonardi  
Universidade Federal de São Paulo  
fabricio.leonardi@unifesp.br

Raiane Patrícia Severino Assumpção  
Universidade Federal de São Paulo  
raiane.assumpcao@unifesp.br

Beatriz Ferreira Pontes  
Universidade Federal de São Paulo  
bfpontes@unifesp.br

Nathalia Tomas Cardoso  
Universidade Federal de São Paulo  
ntcardoso@unifesp.br

**Resumo:** A práxis freiriana tem sido vivenciada no Projeto de Extensão “Cultura da Palavra e Saúde Mental” da Universidade Federal de São Paulo, desde 2016, em processos de ensino/aprendizagem e de cuidado em saúde mental em 4 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) na cidade de Santos/SP. A partir dos conceitos freirianos de leitura de mundo, dialogicidade, círculo de cultura e conscientização, este artigo apresenta a sistematização das experiências vividas ao longo do ano de 2020. O processo de sistematização realizado, inspirado no clássico livro “Para sistematizar experiências” (JARA, 1996), possibilitou aos sujeitos envolvidos uma melhor compreensão do trabalho realizado, a problematização da prática dos(as) educadores(as), análise da relação entre educadores(as), educandos(as) e serviços, e a construção de conhecimentos a partir da educação popular.

**Palavras-chave:** Educação Popular. Extensão universitária. Sistematização de Experiências.

**Resumen:** La praxis freiriana se ha experimentado en el Proyecto de Extensión “Cultura de la Palabra y Salud Mental” de la Universidad Federal de São Paulo, desde 2016, en procesos de enseñanza/aprendizaje y atención a la salud mental en 4 Centros de Atención Psicossocial (CAPS)



de la ciudad de Santos/SP. Partiendo de los conceptos de Freire de lectura del mundo, dialogicidad, círculo de cultura y conciencia, este artículo presenta la sistematización de experiencias al largo de 2020. El proceso de sistematización realizado, inspirado en el libro clásico “Sistematizar experiencias” (JARA, 1996), permitió a los sujetos involucrados tener una mejor comprensión del trabajo realizado, la problematización de la práctica de los educadores, el análisis de la relación entre educadores, estudiantes y servicios, y la construcción del conocimiento a partir de la educación popular.

**Palabras clave:** Educación Popular. Trabajo Comunal. Sistematización de Experiencias.

**Abstract:** Freirian praxis has been experienced in the Extension Project “Word Culture and Mental Health” of the Federal University of São Paulo, since 2016, in teaching/learning and mental health care processes in 4 Psychosocial Care Centers (CAPS) at city of Santos/SP. Based on Freire's concepts of reading the world, dialogicity, circles of culture and awareness, this article presents the systematization of experiences throughout 2020. The systematization process carried out, inspired by the classic book “To systematize experiences” (JARA, 1996), enabled the subjects involved to have a better understanding of the work carried out, the problematization of the practice of educators, analysis of the relationship between educators, students and services, and the construction of knowledge in popular education.

**Keywords:** Popular Education. University Extension. Systematization of Experiences.

## Introdução

O Projeto de Extensão “Cultura da Palavra e Saúde Mental” do Programa de Educação Tutorial “Educação Popular: criando e recriando a realidade social” – foi idealizado no ano de 2016 e formalizado via Pró-Reitoria de Extensão e Cultura no ano de 2017, na Universidade Federal de São Paulo - campus Baixada Santista (Unifesp-BS).

O “projeto guarda-chuva” PET (Programa de Educação Tutorial) Educação Popular vem trabalhando desde 2010 com o desejo de se efetivar no espaço universitário da Unifesp-BS promovendo ações em diversas frentes, que correspondam às demandas apresentadas pela conjuntura e por parcela da sociedade da Baixada Santista (SP) – as camadas populares –; como também possibilitem uma práxis fundada em concepções teóricas e intencionalidades políticas de transformação dos sujeitos e da realidade social. Buscou-se efetivar, no desenvolvimento do grupo, uma prática em que a indissociabilidade e a interdependência entre o ensino, a pesquisa e a extensão fossem garantidas nas ações realizadas, fundadas em um mesmo referencial teórico-metodológico – o referencial freiriano, da Educação Popular Freiriana (ASSUMPÇÃO, 2016, p.448-449).

A práxis do grupo pauta-se em uma concepção de educação como ato político; portanto, busca transformar as relações sociais opressoras em resistências. Por ser materializada na relação entre universidade e sociedade, fundamenta-se na compreensão de que a produção científica e do conhecimento deve ocorrer em uma relação orgânica com



a população e com os interesses populares. Mais que isso, produz conhecimento junto, num movimento em que ensina na mesma medida em que aprende.

Nesse sentido, a educação vivenciada é dialógica, não-dominadora, com relações horizontais, de cooperação e comprometimento entre os sujeitos envolvidos. Segundo Freire (1981), é o diálogo, a convivência amorosa e, ao mesmo tempo, as provocações, que fazem com que os sujeitos sócio-históricos se assumam no ato de conhecer e transformar.

Mas, para que ocorra a transformação, dos sujeitos e também social, por meio da práxis - a indissociação entre conhecimento e intervenção na realidade -, “a conscientização não pode parar na etapa do desvelamento. A sua autenticidade se dá quando a prática de desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação”, conforme Freire (1981). Nesse sentido, deve-se construir a reflexão e a indignação nos e com os sujeitos, por meio da sua capacidade de ler a realidade e de agir para transformá-la, impregnando de sentido a vida cotidiana.

A “leitura de mundo”, nesse processo, é um dos elementos teórico-metodológicos destacados, já que é carregado de significado para todos aqueles envolvidos no processo educativo: é uma relação específica entre o ser humano e o mundo. É preciso levar em conta que a leitura não é um simples olhar que revela uma perspectiva, mas uma composição da vida como ela se manifesta a partir de determinados indivíduos sociais.

Essas categorias freirianas (práxis, dialogicidade, horizontalidade, leitura de mundo, conscientização, etc) orientam o grupo na articulação entre conhecimentos/saberes e práticas, o trabalho com múltiplas linguagens e a sistematização da práxis, que produz conhecimento e o compromisso ético-político da universidade com a sociedade.

Os círculos de cultura figuraram como estratégia prioritária, realizados semanalmente. Segundo Freire,

(...) os Círculos de Cultura são precisamente isto: centros em que o Povo discute os seus problemas, mas também em que se organizam e planificam ações concretas, de interesse coletivo. (...) estabelece-se um dinamismo entre os Círculos de Cultura e a prática transformadora da realidade, de tal modo que passam a ativar-se e reativar-se mutuamente”. (FREIRE, 1981).

Vale dizer que a proposta sempre teve como objetivo proporcionar espaços de educação, cultura e expressão aos(às) usuários(as) dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)<sup>1</sup> de Santos/SP. O público sempre foi formado, majoritariamente, por pessoas que estão em “acolhimento-dia” e em “cuidados intensivos”. Esse trabalho foi desenvolvido em

<sup>1</sup> Os CAPS são serviços que foram concebidos e criados a partir do Movimento da Reforma Psiquiátrica Brasileira e da Luta Antimanicomial. Em 2011, a partir da Lei 10.216, tornaram-se referências para as políticas públicas de saúde mental no país, em substituição aos manicômios.



quatro CAPS da cidade: CAPS Centro, Praia, Vila e Zona Noroeste. O projeto busca, assim, promover a autonomia dos(as) usuários(as) através dos círculos de cultura, fortalecendo vínculos e apostando na construção de um cuidado coletivo e em liberdade, para o exercício da cidadania dos educandos.

Desde 2017 foram realizadas atividades semanais nos quatro serviços supracitados, nos períodos correspondentes aos semestres letivos. Apenas no ano de 2019 foram cerca de 100 idas a campo, sendo que a atividade de encerramento, realizada na concha acústica da cidade de Santos/SP contou com mais de 120 pessoas de todos os CAPS adulto da cidade. Neste ano trabalharam no projeto cerca de 16 extensionistas, sendo duas bolsistas pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, de diferentes cursos de graduação como Serviço Social, Psicologia e Terapia Ocupacional.

O movimento de sistematização, inspirado no já bastante difundido trabalho de JARA (1996), foi realizado na primeira metade de 2020, num esforço que buscou redimensionar o trabalho para o momento de isolamento social que vivemos ao longo da pandemia de COVID-19, mas também colher do vivido os dilemas, as perspectivas, os avanços e os aprendizados do processo.

Assim, este artigo apresenta a experiência de sistematização realizada pelo grupo de extensionistas do projeto de extensão “Cultura da Palavra e Saúde Mental”, como parte do processo ação-reflexão-ação da práxis freiriana. Desta forma, acredita-se intensificar a práxis, por ter uma melhor compreensão do trabalho realizado, bem como problematizar a prática dos(as) educadores(as) e a relação entre educadores(as) e educandos(as). Espera-se, com isso, contribuir com a construção de conhecimento no campo da educação popular, especificamente a partir da relação entre a extensão universitária, as políticas públicas e as ações em saúde mental.

## **Sistematização e Educação Popular**

A sistematização de experiências parte de uma concepção dialética, de forma a aceitar a realidade histórico-social como uma totalidade. A contradição e a síntese dialética são o motor da atividade transformadora e, por sua vez, da história em si, que é produto da ação do ser humano. Segundo Jara (1996, p. 47)

A Concepção Metodológica Dialética concebe a realidade em permanente movimento: uma realidade histórica sempre mutante, nunca estática ou uniforme, devido à tensão que exercem incessantemente as contradições entre seus elementos. Em todo processo histórico geram-se tendências contraditórias, cuja



confrontação gera a mudança e o movimento. A origem das transformações encontra-se, assim, no interior dos próprios processos históricos (...).

Nesse sentido, e ao contrário do ideário positivista, não existe neutralidade. Pesquisadoras(es) e, na experiência vivida, as(os) extensionistas estão em relação dinâmica com seus objetos de investigações e práticas. Como participantes da trama histórica, mesmo que a partir da particularidade de determinado projeto ou ação, toca uma relação que é, ao mesmo tempo, a de sujeitos, na medida em que interfere, mas, também, de objetos, uma vez que também são impactados pelas tendências e determinações mais gerais da sociedade.

Esta relação dinâmica mostra que, no plano dos processos de organização das ações, seja nos âmbitos de planejamento, execução e avaliação, a necessidade de sistematização surge como elemento estratégico, na medida em que, desnudando os processos contraditórios do vivido, permite o redimensionamento em novas e diferentes dimensões, a partir das questões subjetivas e objetivas/factuais dos processos. Nesse caminho, podemos ter mais pistas de como carregar de sentido a ação, munidos de senso ético-político como bússola do produzir história. É assim que entendemos a nuance de diferença entre os elementos avaliativos e sistematizadores. A sistematização deve

contribuir para a constituição de nossa subjetividade; quer dizer, contribuir a que nos convertamos em sujeitos transformadores e criadores da história. E isso é possível porque a sistematização permite dar conta não só das ações, como também das interpretações das pessoas, suas sensibilidades e afetos, suas esperanças e frustrações, suas crenças e paixões, as quais são decisivas para dar sentido à nossa prática. (JARA, 1996, p. 57)

Para descrever nosso percurso de sistematização é preciso dizer que uma motivação decisiva foi justamente o freio obrigatório que tivemos em face do isolamento social por conta da pandemia de Covid-19. Como sabemos, uma das dificuldades mais frequentes em realizar processos de sistematização, de forma rigorosa, está, justamente, na escassez de tempo, espaço e “fôlego” nas agendas anuais. Nesse sentido, nosso processo de sistematização se deu a partir de uma grande contradição e de uma necessidade: na mesma medida em que muito vínhamos fazendo desde 2016 e cada vez mais premente a necessidade de refletir melhor a relação teoria/prática, nosso campo de atuação e todas articulações desmoronavam na perspectiva de não haver mais a possibilidade de ida presencial aos CAPS.

A parte este infortúnio, que se somou à extrema exclusão digital, condição pela qual a grande maioria dos(as) usuários(as) de saúde mental passa, decidimos criar algumas



etapas que nos proporcionassem, além dos elementos analíticos, uma proximidade simbólica com o contexto que habitávamos semanalmente e que foi abruptamente interrompido.

Na realização da sistematização, realizamos 4 etapas mais ou menos em consonância com os passos que o texto de JARA (1996) sugere, entendendo que a relação entre o projeto de extensão e suas características, a universidade e os serviços de saúde mental tinham particularidades que nos permitiam certo “vôo” autônomo.

Tínhamos farto material de registro, uma vez que parte significativa dos círculos de cultura realizados tinha uma relatoria realizada a partir de um instrumental padronizado (porém não engessado). Sabíamos que nosso objetivo era qualificar o projeto e, especialmente os círculos de cultura realizados semanalmente *in loco*, construir conhecimento e pensar estratégias para o futuro. Nosso único dificultador era fazer deste um processo participativo, incluindo pessoas que participavam das atividades e círculos de cultura. Como isto não seria possível pelo contexto, fizemos a reflexão de que as relatorias, muitas delas, partiam de situações e conversas avaliativas com os(as) próprios(as) usuários(as). De alguma forma a voz deles(as) não se perderia.

Dividimos e realizamos as seguintes etapas:

- **Recuperação do vivido:** retomada e leitura de arquivos, documentos e relatorias, fotos, produções dos círculos de cultura etc. As relatorias estavam divididas em: data, atividades, participantes, objetivos, procedimentos metodológicos, resultados, contexto e observações. O objetivo foi trazer, mesmo que de forma desordenada, o maior número de informações possíveis. Esta etapa foi realizada de forma remota e assíncrona, com data específica de término, e o grupo abriu uma pasta específica para armazenamento do drive.
- **Reconstrução do vivido:** foram realizadas reuniões remotas e síncronas para rememorar e verbalizar situações, “causos”, vivências, afetos, sentidos, memórias baseadas, ou não, na primeira etapa. O objetivo foi ampliar ainda mais o repertório e buscar nós, tensões, dilemas, avanços, afetos, vivenciados individual ou coletivamente. Foram momentos em que aproveitamos para construir um documento único com todo o tipo de informação relevante, sem nos preocuparmos, ainda, com sua organização.
- **Construção de categorias agregadoras:** foram reuniões remotas e síncronas de continuidade da discussão do todo do material, mas com muito mais maturidade e senso de ordenamento. Os relatos e perspectivas individuais ao serem discutidos coletivamente ganham outros níveis de análise e revisões na interpretação. A



relevância dos argumentos é ponderada na sua possibilidade/necessidade de categorização em uma temática maior, ou mais aglutinadora. Inicia-se mais profundamente um espaço de aprendizado coletivo pelo início do esforço de síntese, a partir das categorias freirianas. No texto, há um movimento de corte de trechos similares e extração de resumos mais objetivos de passagens vivenciais.

- **Sintetizando, sistematizando:** processo que mesclou trabalho síncrono e assíncrono, na medida em que houve um esforço de materialização, no texto, das reflexões finais do processo, uniformização do estilo e tradução em enunciados mais impessoais. Era necessário validação do trabalho individual no grupo maior para que não se perdesse seu caráter coletivo. O texto final apresentou as seguintes categorias: “Compromisso ético-político e combate às opressões”, “Quebra-gelo”; “Planejamento dos círculos de cultura”; “Aplicação e dilemas do vivido”; “Avaliação e relatorias”; “Formação e desenvolvimento de habilidades extensionistas”; “Contextos dos serviços”; “Implicações, efeitos e produções na vida dos(as) usuários(as)”; “Aproximação de novos(as) extensionistas”.

## Discussão

Abaixo iremos apresentar mais detidamente os achados do processo de sistematização do “Projeto Cultura da Palavra e Saúde Mental” da Unifesp, levando em conta o percurso realizado ao longo dos meses subsequentes a maio de 2020, quando houve retomada das atividades acadêmicas, de forma remota. Vale dizer que estes achados estavam atravessados pelas categorias freirianas que sempre foram o chão do projeto. Assim, ora enunciadas diretamente, ora indiretamente, sempre foram balizadores das reflexões.

### Compromisso ético-político e combate às opressões

Não existe extensão na perspectiva da educação popular sem compromisso ético político. Ao nos firmarmos na compreensão do referencial teórico-metodológico freireano (1981), fica evidente que o caráter norteador em nossa prática é o compromisso com as lutas e combate às opressões. A tomada de posição pelos oprimidos é acompanhada pelo compromisso com a transformação social e a emancipação humana.



No movimento de ação-reflexão, atravessado pelo diálogo, o mundo é desvendado como ato político, na medida em que se objetiva, na realidade dos sujeitos e seus contextos, relações, etc., e busca compreender a dinâmica do modo de produção e reprodução da vida social, para superá-la. Essa intencionalidade política consiste em uma opção pela classe trabalhadora e um compromisso com a busca da emancipação humana, através da transformação social.

No exercício de sistematização reconheceu-se a importância de trazer à centralidade do trabalho tomada de posição e participação ativa nas pautas de luta pelos direitos dos povos originários, a luta antimanicomial, trabalhista, feminista, antirracista, anticapacitista, LGBTQIA+ e tantas outras. Essa conclusão impõe um enorme desafio na formação contínua das extensionistas mais antigas e, particularmente, das pessoas que estão chegando no projeto.

Durante o processo de condução das atividades essas questões estão o tempo todo postas, na medida em que as conversas, debates, diálogos etc., estão permeadas de falas, posições, participações que se colocam a partir das diferentes leituras de mundo. É nesse encontro, e no trabalho em grupo, que há possibilidade de mudança.

Entendeu-se que nunca se deve perder de vista, dado seu caráter transversal, a temática compromisso ético-político, seja no planejamento, execução e avaliação, sejam nas supervisões, seja na sistematização, isto é, está e deve se manter em todas as etapas e processos da educação popular realizada pelo “Cultura da Palavra e Saúde Mental”

## **Supervisão**

A supervisão é um momento destinado ao acompanhamento e partilha da experiência semanal em campo, nas dimensões grupal e individual. Constitui espaço de troca e aprendizado onde são problematizadas situações significativas dos encontros. Momento de acolhimento e “tratamento” de dúvidas, encantamentos, angústias, causos, frustrações etc. Encontro de planejamento de oficinas, estudo, formação e acolhimento de estudantes que estão tendo seu primeiro contato com a extensão, antes de ir à campo.

As extensionistas ressaltaram, durante a sistematização, a importância das reuniões semanais, entendendo-as como indispensáveis no processo da estruturação das propostas ofertadas pela extensão e da construção de uma práxis. A partir do diálogo e da conversa em roda, a troca de experiências possibilita exercitar as premissas da educação popular construindo e reconstruindo saberes e vivências. A ajuda mútua na criação das atividades, a reflexão sobre o que deu certo, os possíveis manejos de determinadas situações, a troca



sobre as percepções das realidades em diferentes serviços geram reflexão sobre a prática e o desenvolvimento de habilidades.

As maiores dificuldades se dão em relação ao questionamento de como se daria a melhor utilização do tempo em reunião, visto sua importância e os muitos aspectos a serem tratados. Por ser um espaço de troca e acolhimento acaba, involuntariamente, se chocando com a necessidade de planejamento e formação continuada do grupo, muitas vezes levando a um impasse ou contribuindo para um aligeiramento dos processos. Vejamos abaixo.

### **Planejamento dos círculos de cultura**

Nas reuniões de supervisão, os momentos de planejamento ajudam a organizar e preparar as idas a campo. Essas reuniões visam construir “roteiros norteadores” de forma coletiva, com o intuito de atender as demandas dos(as) usuários(as) e estar consoante aos princípios da educação popular e da luta antimanicomial. O planejamento é o momento em que se cola o que se sabe, o que se entendeu dos textos e discussões teóricas, com o processo que vem se vivenciando em campo, semana a semana. Além disso, há um jogo de equipe em que as cerca de 4 extensionistas da mini-equipe se entrosam e definem quem faz o quê.

De início, tais reuniões aconteciam no espaço da supervisão semanal de forma conjunta para todas as extensionistas dos 4 CAPS. Isso significa que cada mini-equipe fazia o planejamento com contribuição de quem não atuava no mesmo espaço/serviço. A discussão adensava, as ideias brotavam. O grupo se debruçava para construir estratégias metodológicas a partir de múltiplas linguagens, como música, teatro, poesia, textos jornalísticos, desenhos, expressão corporal, entre outros. Era um ambiente de criatividade e inovação.

Devido ao aumento do grupo de extensionistas, aumentou também a necessidade de compartilhar as vivências semanais em supervisão, valorizar a percepção individual e da mini-equipe. Isso fez com que o planejamento coletivo perdesse espaço. Dessa maneira, cada grupo buscou um espaço à parte da reunião de supervisão, transformando esta em um espaço de consequência do vivido.

Essa fragmentação e o não compartilhamento coletivo nas supervisões acarretou, em algumas falas, diminuição, aligeiramento da criatividade e maior improvisação nas atividades. Por outro lado, a mescla de extensionistas mais experientes com as mais novas produzia efeitos diferentes. Se por um lado haveria maior tranquilidade, apreensão e



autonomia em relação às questões teórico-metodológicas com algumas, outras pessoas passavam a chegar mais tensas nas atividades e supervisões. Um movimento contraditório.

A divisão de tarefas entre as extensionistas é um momento do planejamento em que as atividades são organizadas e distribuídas. De modo geral, as oficinas são compostas por atividades que precisam ser previamente elaboradas e posteriormente “conduzidas”. Essas etapas são divididas de formas diferentes por cada mini-equipe respeitando a autonomia e particularidades de cada grupo.

Outra questão trazida diz respeito ao relato de certa “perda de fôlego” ao longo do semestre letivo para estes processos de organização. Uma sensação de cansaço cumulativo no esforço criativo. Isso muitas vezes foi atribuído à elevação nas tarefas, provas e trabalhos para entregar.

Com o processo de sistematização e leitura de relatórios antigos foi possível perceber que muitas das angústias e dificuldades ao longo das oficinas eram comuns entre as mini-equipes, e tais impasses não eram devidamente compartilhados e detalhados em supervisão. Uma das sugestões foi a retomada do planejamento de forma coletiva e a longo prazo. Também surgiu a ideia da construção de um “guia”/“repositório” de atividades já realizadas em todos os CAPS para consulta, contendo a descrição da temática trabalhada, formas de abordagem, perguntas disparadoras e relatos da experiência. A partir desse material as atividades e experiências podem circular mais facilmente e contribuir na criatividade e no tempo de planejamento.

Em uma das oficinas do ano de 2019, por exemplo, o assunto abordado foi “direitos humanos” em um dos CAPS. Nessa atividade foram confeccionadas ilustrações que serviram para um jogo da memória. A partir de um relato na supervisão, a mini-equipe de outro CAPS não só resolveu adotar uma estratégia semelhante, como aprimorou e adaptou à sua realidade o jogo da memória desenvolvido na experiência anterior. Um efeito cascata de construção e reconstrução.

Como estratégia de dinamizar os planejamentos, foi pontuada a importância de se realizar atividades em diferentes locais na comunidade, fora do serviço de saúde como forma de proporcionar aos(as) usuários(as) novas vivências e a ocupação de diferentes espaços na cidade. A ocupação de locais como parques, praias, concha acústica, universidade, gibiteca também coadunam com a ideia do cuidado em liberdade.

Por fim, foram levantadas questões sobre como passar da reflexão para a ação. “Qual a responsabilidade e papel das extensionistas na passagem da reflexão até a ação? E como fazer isso? Como mudarmos a realidade a nossa volta a partir das nossas



intervenção?” Concluímos que essas questões devem estar sempre em tela e permeando debates tanto internos quanto na relação com serviços e usuários(as).

## **Quebra-gelo**

As atividades lúdicas nomeadas de “quebra-gelo” consistem em propostas realizadas ao ar livre com exercícios corporais de alongamento, expressão, contato e criatividade. São, muitas vezes, acompanhadas por recursos musicais e relacionadas com a proposta da oficina da semana. O despertar do corpo em um momento recreativo, por meio de atividades colaborativas envolvendo atividade física, coordenação e atenção aos movimentos, tem como objetivo estimular o interesse e a disposição em participar dos círculos de cultura com momentos de debates, leitura e escrita.

Nos serviços de saúde mental é comum que os(as) usuários(as) estejam sonolentos, decorrente dos efeitos da medicação, o que compromete a atenção e o interesse nas oficinas que envolvem escrita, desenho, debate, entre outros. Isso se acentua após a realização das refeições. A partir dessa realidade e pensando em formas de driblar tais aspectos, surgiu a ideia de executar ações de “aquecimento” fora da sala de oficinas e que envolvessem atividades dinâmicas e animadas. Assim surgiu a ideia do “quebra-gelo” como estratégia pontual em um dos CAPS e, logo em seguida, as mini-equipes que atuavam em outros CAPS, também atravessados pelas mesmas dificuldades, testaram essa atividade como prática semanal.

Apesar de causar certa resistência no momento em que se é proposta, o quebra-gelo foi bem aceito pela maioria dos(as) participantes. Como, geralmente, envolvia situações inusitadas para a rotina, acabava despertando a curiosidade do grupo, aproximando as pessoas e garantindo, de certa forma, uma adesão à oficina.

Foi-se percebendo que acordar o corpo estimulava habilidades de cognição, coordenação motora, percepção, interação e contato que se tornam grandes diferenciais ao longo da oficina. Na maioria dos dias os efeitos positivos das atividades foram nítidos, como melhora do humor, disposição e concentração. Tais atividades, além de ser ferramenta de adesão e estimulação física, consolidaram-se como elemento de estreitar o vínculo. Ao longo do tempo os(as) usuários(as) se sentiam confortáveis em sugerir novas gincanas, demonstrando autonomia e desejo por construir o processo das oficinas.

Cada mini-equipe adaptou o quebra-gelo à sua realidade. Em uma delas ele seria intercalado com outras propostas iniciais. Já em outros CAPS, o quebra-gelo tornou-se parte imprescindível da oficina, cobrado sempre pelos(as) próprios(as) usuários(as). No



processo de sistematização, surgiu como demanda organizar/inventariar as atividades já realizadas de quebra-gelo, definindo objetivos e relatando os resultados. Isso para facilitar a troca de informações entre as extensionistas e auxiliar no planejamento.

### **Aplicação e dilemas do vivido**

As etapas dos planejamentos, por mais organizadas que sejam, nunca dão conta da diversidade e complexidade que é vivenciada nos encontros com os(as) usuários(as). O cotidiano no serviço de saúde mental é dinâmico e muitos fatores interferem no decorrer das atividades. Sendo assim, há atravessamentos de questões como, por exemplo: conflitos entre usuários(as), interrupções de profissionais do serviço para ministrar medicações, adesão ao grupo devido em competição com a sala de tv, desinteresse em certas propostas, pessoas em crise e que participam com expressões delirantes, entre outras dinâmicas.

Vale ressaltar que um dos maiores desafios consistia em planejar e executar atividades distintas e paralelas para usuários(as) em diferentes níveis de alfabetização. Por um tempo, buscou-se identificar quais eram as pessoas com dificuldades de escrita e leitura e iniciar etapas de alfabetização e letramento com elas. Para este grupo não alfabetizado foi-se verificando que a periodicidade apenas semanal dos encontros dificultava a assimilação. Estes, teriam que ser mais intensivos, sistemáticos e regulares. Nesse sentido, sem deixar de investir nas propostas de apoio à leitura e escrita, buscou-se unificar o trabalho nos círculos.

Outro dilema que merece destaque são as situações de conflito entre os usuários(as). Essas situações eram inevitáveis e emergiram como característica de uma rotina de convivência entre diferentes modos de se expressar, e diferentes estados psíquicos, entre os usuários(as), a equipe do serviço e as extensionistas. Em momentos assim, vale destacar a importância da parceria com o serviço estar bem pactuada, garantindo o apoio quando necessário da equipe de saúde, e apostando no manejo por meio do vínculo estabelecido no processo extensionista.

Tais situações demandam atenção, conversa e acolhimento das necessidades emergentes no momento, mesmo que para isso seja necessário parar momentaneamente as atividades propostas no dia. Lidar com essas questões é mais difícil quando a extensionista está começando no campo, já que dificuldades em saber como se posicionar, até mesmo o que verbalizar, são frequentemente relatadas. Também houve relatos de



manejos “duros”, “agressivos”, “desnecessários”, por parte de alguns profissionais no trato com usuários(as). Isso complexifica a relação entre o projeto de extensão e o serviço.

Durante o processo de sistematização, pode-se compreender a importância do desenvolvimento do vínculo entre usuários(as) - extensionistas, bem como extensionistas - trabalhadores(as) dos serviços, para enfrentar as adversidades do cotidiano. Essas situações exigem o constante exercício do manejo, da escuta ativa e muitas vezes do esforço de acolhimento.

### **Avaliação e relatoria**

As relatorias se mostram como escritos importantes já que possibilitam que as extensionistas “fotografem” o momento vivido. Este instrumento permite posteriormente a problematização de aspectos importantes que ocorreram, bem como o seu registro. A partir do relato do manejo das extensionistas coordenando a atividade são também colocadas tanto as informações mais objetivas (data, duração da oficina, quais foram as atividades propostas, quem estava presente no grupo, como estava, como decorreu do grupo etc.) quanto as impressões mais pessoais e subjetivas de cada extensionista destacada para a tarefa naquele dia.

Nelas são produzidos trechos chamados de “notas intensivas” como possibilidade de avaliação do que foi planejado: se foram alcançados os objetivos propostos, se a forma de aplicação e método escolhidos para o encontro foram efetivos e os mais adequados, como e qual manejo foi dado às situações emergentes daquele momento, as percepções, sentimentos e afetos, o perfil e a individualidade dos participantes e a identificação de demandas do grupo.

Existe a percepção de que há necessidade de descrever mais sobre os(as) usuários(as) e sua participação na oficina, registrar as produções individuais e coletivas, como poemas, textos, desenhos, e pinturas, pois estes podem facilmente se perder quando não estão nos registros.

A maior dificuldade, entretanto, se mostra na negligência e dificuldade de escrever o vivido. Além das limitações advindas da rotina cheia, quando se deixa passar muito tempo entre a oficina e o relato a tendência é de uma importante perda de detalhes. O processo de sistematização mostrou como as relatorias sobre o vivido contribuem em várias dimensões com o trabalho da extensão, bem como desvelam os processos de conscientização que acontecem como desfecho e processualidade das propostas.



Tendo isso em vista, organizar um esquema prévio de rotatividade e divisão de tarefas, elencar uma pessoa, rotativamente, apenas para esta tarefa, escrever tópicos sucintos ainda durante o encontro e, quando possível, escrever a relatoria logo após o encontro, foram sugestões formuladas pelo grupo de forma a tornar a tarefa mais viável e em consonância com o propósito do registro.

### **Formação e desenvolvimento de habilidades extensionistas**

É consenso que a experiência da participação na extensão contribui para a apreensão de concepções teórico-metodológicas, vivência de uma escolha ético-política e o desenvolvimento de algumas competências e habilidades profissionais e pessoais. Entre elas poderíamos citar: a capacidade de conduzir encontros grupais; trabalhar em grupo; construir vínculos; exercitar e ampliar a escuta; manejar situações de conflito; compreender e aproximar de determinadas vivências pessoais e subjetivas dos(as) participantes; apreender mediações mais gerais em conexão com as condições concretas de vida.

O conhecimento sobre as políticas e modos de funcionamento dos serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e do Sistema Único de Saúde (SUS) de maneira mais orgânica, a partir da extensão, amplia a relação mais formal e rápida que se tem pela formação na graduação. Cada extensionista conduz, com liberdade e autonomia, cerca de 16 atividades por semestre.

Adentrando alguns temas mais recorrentes vale falar da compreensão de uma escuta que não se atém apenas à dimensão da escuta sensorial, mas contempla também uma comunicação não-falada, não-verbal: é através dela que podemos exercitar nosso mais profundo respeito e valorização ao indivíduo com o qual construímos vínculo, sua leitura do mundo. Estar com a audição e os outros sentidos atentos ao que vai sendo sinalizado é fundamental para que se permita vazar o protagonismo dos(as) usuários(as) no processo pedagógico do campo, entendendo que as implicações desse processo os fortalecem (e a nós) e potencializam nas mais diversas dimensões da vida.

Assim como a escuta, aprender a manejar o grupo é uma habilidade desenvolvida ao longo do processo, uma vez que fomentar discussões, lidar com os imprevistos e situações inesperadas são recorrentes. Utilizando-se da perspectiva freiriana (1987), é possível notar de maneira muito clara que propor discussões de maneira horizontalizada permite aos participantes compreender as vivências, experiências e aprendizados de cada um, fortalecendo, assim, a autonomia e a coletividade que se tanto almeja. Para as extensionistas, o maior aprendizado, todavia, se diz respeito a compreensão da educação



popular como uma importante ferramenta-guia no cotidiano profissional, onde se faz possível levar temáticas de grande relevância contribuindo para o processo de conscientização política e articulação da população usuária da saúde mental.

## **Contextos dos serviços**

A participação em uma extensão que propõe seu trabalho em serviços voltados às populações historicamente marginalizadas é constantemente encarar situações inquietantes, que colocam de maneira mais ou menos explícita as vulnerabilidades e dificuldades experienciadas por essas pessoas. Muitos dos estigmas e preconceitos vivenciados são reproduzidos também nos serviços, que, no caso dos CAPS podem ainda conter, por um lado, herança de práticas tutelares, como, por outro lado, práticas negligentes. Essas situações ainda parecem presentes e ativas nas instituições de saúde.

Não é fato recente que os serviços de saúde, e em especial os de saúde mental, enfrentam processos de precarização, privatização e corte de recursos. Os impactos disso reforçam uma dificuldade de acesso da população, menor qualidade no atendimento e tratamento dos(as) usuários(as), falta de RH, redução de direitos e condições de trabalho dos profissionais, aumentando o estresse e as tensões no ambiente de trabalho, dificultando uma atuação pautada no cuidado integral e na comunidade.

Isso se manifesta, na rotina dos serviços, muitas vezes, em posturas profissionais complicadas: não dar voz ou não levar em consideração as questões trazidas pelos(as) usuários(as), não escutá-los(as) ou atender suas demandas, entre outras questões. Por outro lado, também lidamos com profissionais competentes, comprometidos, mas extremamente cerceados pela falta de recursos.

Na convivência dentro do CAPS é possível perceber que situações de conflito são, muitas vezes, inevitáveis, e podem emergir como característica de uma rotina de convivência de diferentes modos de se expressar, das relações de poder, do estado psíquico dos usuários(as), contemplando todas suas possibilidades: situações de crise, episódios agressivos, mudanças de humor, falta de atenção etc.

As formas de lidar com esses imprevistos demonstram a importância do cuidado em rede, contando com o apoio da equipe quando necessário, do vínculo com o(a) usuário(a), e com a aposta que o coletivo tem a capacidade de enfrentar essas situações. Por vezes, as questões podem ser amenizadas com atenção e acolhimento das necessidades emergentes no momento, mesmo que para isso seja necessário parar as atividades propostas no dia.



Nesses casos, a conversa com os(as) usuários(as) e o repasse aos profissionais do serviço permitem um melhor entendimento dos episódios de conflito, como a troca em supervisão, compartilhando o acontecido coletivamente. São formas que as extensionistas encontram de lidar com suas próprias mobilizações internas e refletir sobre sua prática.

O apoio e a participação dos profissionais do serviço fortalecem e auxiliam a dinâmica da oficina, portanto busca-se o fortalecimento do laço junto a outros profissionais da equipe e residentes.

### **Implicações, efeitos e produções na vida dos(as) usuários(as)**

As implicações, efeitos e produções na vida dos(as) usuários(as) são questões sempre presentes nos momentos em que se pensa o “por quê” fazemos a extensão. O grupo chega à conclusão que não é tão simples essa mensuração. Existem diversos ganhos que não são perceptíveis em números, ou quantificação. De qualquer forma, foi-se refletiva a necessidade de dar mais visibilidade às diversas produções, materiais e imateriais, dos usuários(as). Muitas produções podem ser encontradas nas relatorias e notas intensivas, mas acabam ficando apenas por ali.

No que tange aos processos relacionados ao vínculo, como elemento importante e balizador em diversos aspectos da qualidade do trabalho, percebe-se que são suscitados justamente pelas relações dialógicas e horizontais (FREIRE , 2016) produzem compartilhamento de lembranças, emoções, reflexões, concepções de vida e mundo para além dos momentos de oficinas. Isso mostra implicações e efeitos do projeto em outros âmbitos, mais informais.

Parece que a oficina Cultura da Palavra é um dos poucos espaços, embora não o único, que instigam os(as) usuários(as) a um tipo de encontro que preza pela oportunidade deles se colocarem no mundo como seres pensantes e críticos, como seres conhecedores do mundo a sua volta, que há um certo “êxtase” e euforia nas discussões de alguns temas, uma sensação muito positiva na maior parte dos momentos finais dos encontros.

Para além do citado, o tempo de atuação e a consistência do trabalho, aliado ao retorno positivo dos usuários(as), proporcionaram reconhecimento e procura pelo projeto por equipamentos de saúde mental de outros municípios da Baixada Santista.

Já saímos de uma vantagem imediata que é o estímulo de usuários(as) em convivência que muitas vezes ficariam ociosos. Essa percepção vem de queixas dos(as) usuários(as), nos períodos de recesso acadêmico, que relatavam saudades e como a



ausência das oficinas impactava em seus cotidianos (muitos verbalizaram que se sentiam mais angustiados, entediados, ociosos e mais reclusos socialmente).

### **Aproximação de novos(as) extensionistas**

A formação profissional é dada em um período, geralmente, de quatro a cinco anos. Nesse sentido, há periodicamente, uma rotatividade de extensionistas. Assim, é preciso que o projeto tenha estratégias eficazes de acolhimento e apresentação da proposta, dada a complexidade do trabalho. Como visto acima, vários temas recorrentes que se referem ao primeiro contato com o universo da loucura e com o serviço podem ser angustiantes. As questões pessoais (timidez, desenvoltura, expectativa em relação ao sucesso da oficina, insegurança, falta de habilidade para lidar com situações inusitadas e inéditas), o ambiente dos serviços (instalações muitas vezes precarizadas, contato com uma população estigmatizada e em alta vulnerabilidade, a possibilidade de vivenciar alguma situação de violência), entre outros, deve ser levado em consideração.

Nesse sentido, a sistematização aponta a necessidade de investimento em formações nas quais seja possível criar uma aproximação e apropriação do arcabouço teórico-metodológico da Educação Popular e aos temas relativos ao campo da Saúde Mental, apresentar o que o projeto conseguiu realizar até o presente momento e suas perspectivas futuras.

Os problemas do tópico planejamento aqui ganham outra tessitura. Foi considerado, por exemplo, que composições de grupo que integrem extensionistas mais experientes junto às recém-ingressas são de grande valia para um andamento mais fluido das oficinas. Essa configuração favorece as novas extensionistas, por garantir no grupo uma figura de referência e suporte no manejo de situações mais complexas que possam surgir.

Por outro lado, a contrapartida é de que quando alguém traz muita experiência e contato com o serviço, há a possibilidade de um menor engajamento das novatas no processo. Nesse sentido, faz-se necessária uma pactuação coletiva: as extensionistas mais antigas devem ter o cuidado de não “centralizar” a condução e uma postura pró-ativa das extensionistas mais recentes de se implicarem no processo, entendendo que, somente a partir da prática, da tentativa e erro e da disposição em se colocar ativamente em relação com o outro que é possível aperfeiçoar as capacidades e habilidades de condução do grupo.

Para além dos pontos citados anteriormente, também foram problematizadas a restrição de acesso dos estudantes trabalhadores às atividades de extensão. No Campus



Baixada Santista, mais precisamente no Instituto de Saúde e Sociedade, 5 dos 6 cursos ofertados (Educação Física, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia e Terapia Ocupacional) são em período integral e, apenas o bacharelado em Serviço Social é ofertado em meio período - no período vespertino e noturno. Esses alunos, em sua condição de trabalhadores, são privados de experienciar as dimensões da extensão durante a formação profissional. Entre o próprio grupo, devido às restrições de horário, sempre foi comum que as estudantes de Serviço Social se aglutinassem em uma única frente de trabalho, devido às incompatibilidades de horário. Apesar do êxito nas ações, o grupo considera que existe maior ganho quando existe a possibilidade de interação interprofissional. Quando da formação de um novo grupo, ou novo grupo de extensionistas, um trabalho inicial de aproximação e criação de laços é imprescindível para garantir que o trabalho se desenvolva a médio e longo prazo.

### **Considerações Finais**

O projeto de extensão universitária “Cultura da Palavra e Saúde Mental”, vinculado ao PET Educação Popular, vem atuando a partir da perspectiva freiriana, baseando suas ações no diálogo, na horizontalidade, no respeito, na amorosidade, na luta e combate às opressões. As especificidades de lidar com serviços públicos de saúde mental, os CAPS, e com os(as) usuários(as)/conviventes desses serviços, revelaram um enorme desafio para as(os) extensionistas.

A partir de um movimento de sistematização percebeu-se que o próprio processo é mecanismo de aprendizado coletivo e de produção de conhecimentos. A emergência do conteúdo vivido revela inúmeras questões e complexidades que o grupo precisa selecionar, organizar, discutir/problematizar, analisar, agregar e, às vezes, concluir. As perspectivas individuais, assim, vão ganhando contornos e amarrando camadas cada vez mais coletivas, o que permite a amplificação dos dilemas e a percepção sobre o que fazer, possíveis soluções e caminhos a trilhar. Tudo isso amalgamado direta e indiretamente nas concepções de círculos de cultura, dialogicidade, horizontalidade, compromisso ético-político e conscientização. Portanto, uma permanente reinvenção do legado freiriano.

No processo de sistematização vivenciado, como podemos ver nas categorias e reflexões trazidas acima, evidenciam a necessidade e importância dos momentos de planejamento, avaliação e supervisão. A utilização das notas intensivas, utilizadas como recursos metodológicos das relatorias permitem o aprimoramento desses processos. Além disso, há uma preocupação em manter sempre presente o sentido ético-político do trabalho,



alimentando e trazendo presente o sentido vivo da práxis freiriana. Os dilemas do vivido revelam uma enorme tessitura de relações, vínculos, afetos, acordos, propostas, alegrias e frustrações, que estão em sintonia dinâmica no trabalho em perspectiva da autonomia dos sujeitos.

## Referências

- ASSUMPÇÃO, R.P.S.; LEONARDI, F. G. Educação popular na universidade – uma construção a partir das contradições reflexões e vivências a partir do PET Educação Popular da UNIFESP - Baixada Santista. **E-curriculum**, v. 14, n. 2, p. 437-462, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/27448>. Acesso em 09 ago. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1996.

## Agradecimentos

Agradecemos fortemente a todas as extensionistas que participaram desta iniciativa, mas que por razões editoriais não puderem constar como autoras(os). Também usuários(as), familiares e trabalhadores(as) da política de Saúde Mental de Santos/SP que acolheram e incorporaram a iniciativa. À Lilian Barreiro pelo olhar de revisão e Maria Liduína de Oliveira e Silva pelo apoio e majestosa condução do PET Educação Popular.

Recebido em: 09/08/2021

Aceito em: 29/09/2021